



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envol fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN 26 de Novembro de 2005 • Ano LXII • N.º 1610 Preço: € 0,30 (IVA incluído) Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Carregamento de algodão na Casa do Gaiato de Benguela

Benguela

Um coração de carne

DEPOIS duma corrida ao terreno do «Porto», no vale do rio Cavaco, estou sentado, ao vosso lado, a comungar convosco a nossa vida. Sinto e vejo como é fácil tornar feliz o nosso povo! Basta amá-lo. Aqui, sim, o mais difícil. Amar é dar a vida. E dar a vida é morrer, todos os dias, desde manhã até à noite. Daí, como é difícil amar! Homem e mulher felizes são quem dá tudo e tem sempre mais. É a contradição do Livro da Vida. Só quem experimenta entende. É tão fácil tornar feliz o nosso povo!

Ontem, dei um salto ao bairro mais pobre dos arrabaldes da cidade. Fica ao lado da nossa Casa. Levei comigo um saco pequeno com algum feijão, um pouquinho de farinha de milho e óleo alimentar. A família estava à minha espera. Houve festa à volta do saco. Era comida para alguns dias com a promessa de voltar, quando chegar ao fim. Pus uma condição: as pessoas válidas vão inventar algum trabalho.

Bem sei que o problema da fome e da miséria vai continuar. Bem sei que é uma gotinha de água. Mas quero que seja uma pancada muito forte no sino a chamar os adormecidos em qualquer canto da cidade dos homens. Por isso, hei-de conti-

nuar a bater à porta dos corações para que sejam postos no centro da vida de cada um os cuidados primários das crianças nuas, com doença e com fome. Lembro-me da reacção imediata dum homem de negócios que, de lágrimas nos olhos, abre-nos a porta para levarmos o que é necessário.

Um homem de negócios a chorar? Sim. O seu coração não estava metalizado. Acreditou que nada perdia, quando dava. Tinha um coração de carne. Está aqui o segredo do equilíbrio social. A justiça cumpre-se. A caridade anima. A paz reina. A nação é feliz. O negócio cresce. Desejo ardentemente que a cultura da solidariedade se instale no mundo das empresas. De vez em quando sou surpreendido por algum convite. Desta vez, foi a abertura da agência dum novo Banco. Aceitei e fui. Ganhei mais um lugar para um rapaz dos meus. Já está seleccionado e terá o seu primeiro emprego muito brevemente. Esta é uma faceta do meu negócio.

O ano lectivo chegou ao fim. Alguns destes filhos frequentaram cursos de formação profissional. É uma das respostas mais adequadas à situação da maioria dos nossos jovens. Angola necessita urgentemente destes quadros. Ponho as mãos na

cabeça e começo a pensar onde os pôr a trabalhar. Grande parte das empresas estão sem vida. Outras, começam a andar. Quem me dera ver estes rapazes, de mangas arregaçadas, a puxar Angola para a frente. A maior alegria está em mostrar ao mundo a riqueza escondida em cada um dos garotos da rua.

Padre Manuel António

Praticando o Bem

Beatificação de Carlos de Foucauld

NO dia 13 deste mês de Novembro foi Beatificado o Padre Carlos de Foucauld, figura que me elevou o ideal e marcou a vida que o Senhor me tem dado.

Como todos os homens «de um só livro» — o Evangelho — este Padre abandonou tudo para se entregar aos mais pobres que ele conheceu e fê-lo de maneira invulgar e original: — pela imitação à letra da Vida de Jesus, de forma a pregá-LO pela presença. Foi sua convicção de que os

Utopia

5 — Não podemos estranhar nesta «descrição dos costumes e instituições dos utopianos», a referência a escravos. A realidade descrita tem cinco séculos e então a escravatura era uma estrutura social que vinha de milénios passados e iria conhecer um pico de crescimento com as Descobertas contemporâneas de Tomás More. As sensibilidades não eram as de agora. E as de agora são, quantas vezes, envenenadas pela hipocrisia, pois formas e acções de escravatura não faltam no mundo actual, mascaradas, ditas com outros nomes, mas reais.

Todavia aquela que vigorava entre os utopianos (ou não fosse a imaginação de Tomás More profundamente impregnada de humanismo iluminado por valores evangélicos!) marcava já um passo largo e antecipador no sentido da libertação dos escravos e do acréscimo do respeito com que deveriam ser tratados porque eram seres humanos.

Dos próprios cidadãos eram reduzidos à condição de escravos, «os acusados de grandes crimes», exactamente «por terem sido educados para a virtude numa república excelente e, apesar de tudo isso, preferiram o crime».

Dos estrangeiros, «nunca eram feitos escravos os prisioneiros de guerra, ainda que filhos de escravo na sua terra; nem mesmo os escravos que fugiam para a Utopia». E «se um trabalhador, miserável noutro país, vem voluntariamente oferecer os seus serviços como escravo, tratam-no em tudo honestamente, como aos seus cidadãos, excepto em fazê-lo trabalhar um pouco mais, pois a isso está habituado. E se algum destes decidir regressar, o que raramente acontece, pode fazê-lo livremente e nunca o despedem de mãos vazias». Os únicos de origem estrangeira que permanecem em pleno estatuto de escravatura (em igualdade com os utopianos «acusados de grandes crimes») são os condenados à morte no seu país, que Utopia aceita ou mesmo procura, em alternativa do castigo mortal. Também no que se refere ao abandono da pena de morte, os utopianos adiantavam-se séculos.

A respeito dos Doentes já referimos «os cuidados afectuosos que por eles têm» na busca de eficiência na cura; e como lá não há ricos, nem pobres, todos usufruem de iguais cuidados, que abrangem, quanto possível, também os incuráveis.

Continua na página 3

vigor imparável e progressivo. «Tenho um grande desejo de levar finalmente a vida... que entrevi, que adivinhei, percorrendo as ruas de Nazaré, calorreadas por Nosso Senhor, pobre artesão mergulhado na abjecção e na obscuridade».

Desejos perenes que jamais o progresso ultrapassará. Anseios fortes e decisivos que não olham à segurança, à comodidade, à posição social... Nada. Tudo se resume em satisfazer uma paixão cada vez mais devoradora! — Viver, sentir e manifestar o amor de Deus incarnado na sua pessoa.

Enamorado pela Eucaristia, fez da presença do Senhor o grande amparo e uma nascente de energias! Nada o faz desanimar. Vence todas as dificuldades. Consegue todos os objectivos! Experimenta que Deus é a Sua Força!

Vivendo três anos no Norte de África retira-se para o meio de um povo nómada, desconfiado e muito difícil: Os Tuaregues. Lembra-me os Padres da Rua ou as Senhoras da Obra que escolhem viver com os mais difíceis e mais repelentes fazendo com eles família e desgastando-se até à exaustão, numa sede insaciável de lhes revelar Jesus.

Numa casa igual à do povo, com chão de terra batida, ali abre as suas portas a todos, como as do seu coração em hospitalidade, bondade e serviço, procurando sempre mais «consolar à fé da sua infância, mas agora, com um

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBREZA E INJUSTIÇA — O Sínodo dos Bispos terminou com uma forte denúncia das situações de injustiça e pobreza, pedindo ainda aos políticos para não apoiarem leis contrárias ao direito natural, ao casamento e à família.

«Denunciamos as situações de injustiça e de pobreza extrema que proliferam por todo o lado, especialmente na América Latina, na África e na Ásia. Estes sofrimentos clamam a Deus e interpelem a consciência da humanidade», referem os Bispos.

O texto lembra «os pobres de sempre e os novos, as vítimas da injustiça, cada vez mais numerosas, e todos os esquecidos da Terra», considerando que estes recordam à Igreja «Cristo em agonia, até ao fim dos tempos». «Estes sofrimentos não podem ser alheios à celebração do mistério eucarístico, que nos compromete a todos num esforço pela justiça e a transformação do mundo, de maneira activa e consciente, a partir da Doutrina Social da Igreja, a qual promove a centralidade e dignidade da pessoa», acrescenta o documento.

PARTILHA — De Lisboa, presença da assinante 12623: «Com imensa veneração pela vossa Conferência, que é ajudar os Pobres, e com pena de não poder ser maior a minha dádiva (mas prometo continuar a mandar qualquer coisa quando puder) remeto um cheque para ser utilizado segundo as necessidades dos vossos doentes. Rezo por todos vós e pelo vosso trabalho».

Uma senhora, de Aveiro, assinante 54917, manda medicamentos para aproveitarmos a quem for possível.

Outra senhora, de Lisboa, põe a conta d'O GAIATO em ordem «e o que sobrar empreguem como melhor vos aprouver».

Assinante 17282, da Cidade Invicta, diz o seguinte: «Em minha casa, como na vossa, não é fácil gerir os dinheiros. Às vezes, o nosso Deus permite as dificuldades para que mais notória ainda se torne a Sua presença no nosso dia-a-dia, às vezes nas coisas insignificantes. Só é preciso que estejamos a viver segundo o Espírito, com o entendimento bem aberto». Manda 150 euros e uma enorme vivência maternal.

As sobras de um cheque, do assinante 61252, de Rio Tinto, «com pequena ajuda por intenção de um amigo».

Uma outra, dita, da assinante 54745, de Viana do Castelo.

Agora, vem lá a assinante 73932, de Castelo Branco, com 50 euros para O GAIATO «e o resto para as necessidades da Conferência, embora com largos meses de atrasos».

Outros ditos, de uma assinante de Lisboa, que «lê sempre O GAIATO com todo o empenho e nele reveja a Doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. E as notícias da Conferência despertam logo o desejo de vos ajudar, mas nem sempre é possível».

Quinze euros, de Linda-a-Velha. «Para tapar outro buraco nas contas da farmácia, que tenho a certeza devem ser nada pequenas», 40 euros, do assinante 19148, do Porto, amigo que conhecemos há muitos anos.

Também, Maria Luísa, agora em

Santo Tirso, assinante 11159, presente com 60 euros, e a amizade de sempre. Do Luso, 60 euros, do assinante 53241, cuja oferta «pouco significativa, face às grandes necessidades dos Pobres que têm de atender, é um contributo que fazemos com muito amor para os mais necessitados». Aqui está a razão!

Mais, 15 euros, «o que eu agora posso», afirma a assinante 30719, de Odivelas.

Duzentos euros, da assinante 57002, de Senhora da Hora, «minha pequena oferta dos meses de Outubro e Novembro. Será para distribuírem como melhor entenderem. Com certeza a conta da farmácia». Disse tudo, com muita amizade!

«Um remanescente da anuidade d'O GAIATO», também para a conta da farmácia, enviado pela assinante 60788, da Cidade do Porto.

Mais uma presença quinzenal, Lourdes, de Cacém, com outros «grãozinhos do costume. Uma pequena migalha para tantas necessidades dos vossos Pobres», 35 euros.

O assinante 33289, de S. Domingos de Rana, que pôs em ordem a assinatura do nosso Jornal e um remanescente para os nossos Pobres.

Uma Adélia, do Porto, com 100 euros. O assinante 73398, de Albardo, com 25 euros, para o Jornal e os restos para os Pobres. «Mas também sou velho, 86 anos, reformado».

Mais, 100 euros, de Freamunde, assinante 24801 «para ajuda da Ceia de Natal dos Pobres». E duas remessas de roupa, de Aldeia Nova — Almeida.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — É verdade! Passa despercebido... aos mais distraídos, mas faz quase 30 km todos os fins-de-semana, para treinar conjuntamente com os Rapazes. Ninguém dá por ele, a não ser quando é para pôr água na fervura, se porventura alguém se exalta. É bom conselheiro, amigo e exemplar no meio de todos nós. Mesmo nos dias em que não há treino, mas há jogo, ele não falta. É assim o nosso antigo gaiato Nelito. Não faltava onde ele pudesse dar duas corridas e dois pontapés na bola. Mas não! Ele prefere fazê-lo no meio dos seus e no campo de futebol da sua/nossa Casa-Mãe. Muito gostamos de ver os Antigos por cá, desde que venham com as intenções e com as ideias deste, que apesar de já não ser uma criança, ainda é um «puto» como todos nós...! A idade não conta, o espírito de cada um é que prevalece.

Os Seniores receberam no dia 29 de Outubro os Juniores do G.R.D.C. Mamedense, segundos classificados na 2.ª Divisão da A.F.Porto. Chegaram por volta das 15h00, e apesar da chuva, vinham alegres e bem dispostos para conviverem com os nossos Rapazes. Gente de uma educação esmerada.

Em relação ao jogo, bom!, foi jogado do primeiro ao último minuto a um ritmo fora do comum. Nós fizemos 1-0; eles 1-1 e o 1-2; nós o 2-2; eles 2-3 e nós o 3-3. Foi jogar *taco-a-*

taco até ao apito final do árbitro. Distinguir quem quer que seja da nossa equipa, seria talvez injusto, devido ao empenho total de todo o colectivo, mas mesmo assim: Ricardinho e «Gai-vota» sobem de forma, de jogo para jogo. No que toca aos golos, apenas quero destacar o golão do «Bolinhas». Como prémio do jogo: uma merenda melhorada, onde o nosso Padre Manuel Mendes caprichou e, logo depois, seguir viagem para o Estádio do Dragão, para assistirmos ao F. C. Porto — Setúbal. Nós não brincamos em serviço!

No que diz respeito aos Juvenis, também receberam os atletas do G.V.N. (Penafiel) na manhã do dia seguinte. Apesar da chuva e do terreno um pouco em mau estado, por causa do jogo do dia anterior, tudo se levou a bom porto. Vinham com vontade de vitória, e ainda bem que assim é! Com golos de «Russo», Rogério, «Bolinhas», Gil e Agostinho contra os dois marcados pelos forasteiros, a vitória acabou por assentar que nem uma luva, aos Rapazes da Casa. Uma vitória saborosa, recompensando o esforço dispendido por todos os atletas. Alguns já tinham feito parte do jogo anterior, mas Teixugueira e «Bolinhas», mais uma vez, foram de «ferro», a aguentarem de pedra e cal 180 minutos nas pernas, em menos de 24 horas. Dois dos que nunca faltam aos treinos e também muito por causa de eles não andarem a fazer que fazem. Quem quer a bolota, trepa!

Alberto («Resende»)

Setúbal

DESPORTO — Já temos o calendário dos nossos jogos do Torneio Inter-Casas. Os treinos já começaram. Esperamos que venham equipas jogar connosco, e para nos prepararmos para o Torneio que se aproxima.

RAPAZES — Nesta altura há muitos rapazes lesionados. Estão dois engessados nos braços e três com problemas nas pernas. Isto tudo é devido ao futebol. Esperamos que fiquem todos bons rapidamente.

FEIRA DA LADRA — Os Lions de Setúbal todos os anos fazem a Feira. Agora, decorreu nos dias 5 e 6 de Novembro. Com o dinheiro das vendas ofereceram-nos uma fritadeira industrial, para confeccionarmos as nossas refeições. Agradecemos o contributo deste grupo de amigos.

MAGUSTO — No passado dia 6 realizámos o nosso magusto. As castanhas, oferecidas pelo Jumbo, foram assadas pelo Hélder, no forno da padaria. O «Pipas» e o «Bebezão» foram os assadores das sardinhas, com a ajuda do Álvaro. O «Lota» levou para lá a aparelhagem para animar a festa. Esteve também gente de fora a fazer o magusto connosco. Foi muito divertido.

No dia 13 os gaiatos antigos fizeram o seu magusto também, na Associação. Alguns rapazes foram lá e divertiram-se.

VACARIA — Eu, o nosso Padre Júlio, o «Fernandinho» e o Amândio, fomos à Moita buscar um bezerro macho, oferecido pelo senhor Miranda, que é um nosso amigo de

longa data e que tem uma enorme vacaria. A este bezerro demos-lhe o nome de «bush» porque é descendente de um avô americano e de pai canadiano. Ele servirá para cobrir as nossas vacas, mais tarde.

António Loureiro

Miranda do Corvo

AZEITONA — A época da azeitona já chegou e as nossas oliveiras estão cheias delas e já maduras.

Nós começámos a apanhar na semana passada, para evitar que se estraguem o menos possível. Este ano parece que vamos ter azeite caseiro à mesa.

MAGUSTO — Como é hábito, festejámos o magusto juntamente com a excursão da paróquia de S. José, de Coimbra.

Chegaram por volta das 14h00 e puseram-se logo ao serviço: cortar castanhas e fazer montes de caruma, o mais essencial. Enquanto isso, as outras pessoas visitaram a Casa e, algumas delas, acabaram por ficar na sala de TV, junto à lareira, que ardia desafogadamente dando calor à nossa sala.

Por volta das 16h00 já se via lume, que mais parecia um sinal de chamamento, pois, logo de seguida, juntaram-se gaiatos e visitantes, em frente ao lume onde prepararam a merenda. Mas já cheirava a castanhas assadas e muitas caras não estavam na mesa, algumas olhavam para o céu, pois a chuva lavava-lhes a cara. Finalmente, S. Martinho reservou-nos esta chuva tão merecida.

INTER-CASAS — Sendo a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo a organizadora do Inter-Casas de 2006, vamos fazer publicação do regulamento e dos jogos. Foi decidido em reunião, em Miranda do Corvo, no dia 27 de Setembro, realizar dois jogos em cada Casa, sendo um de manhã e outro de tarde. Assim ficou decidido para que ficasse mais barato à Obra da Rua.

Daí a época iniciar-se-á a 18 de Fevereiro de 2006, em Setúbal. A equipa da Casa defrontará a Casa do Tojal, da parte da manhã. Da parte de tarde, será Miranda-Paço de Sousa.

O segundo jogo, no dia 4 de Março, no Tojal. A equipa da Casa defrontará a de Miranda, de tarde. Paço de Sousa defrontará Setúbal, de manhã.

O terceiro jogo, no dia 18 de Março, em Paço de Sousa, a equipa da Casa jogará com o Tojal, de manhã; à tarde, será Miranda-Setúbal.

A finalíssima, em Miranda do Corvo, a 8 de Abril.

O regulamento do Torneio baseia-se nas seguintes regras:

1.º — Só é permitida a participação dos rapazes dos 12 aos 22 anos, feitos até 1 de Janeiro de 2006. A identificação dos rapazes terá de ser entregue, em Miranda do Corvo, na secção desportiva, até ao final de 2005.

2.º — A Casa que recebe as equipas é responsável pela arbitragem dos dois jogos.

3.º — Todos os jogos que se realizarem de manhã, começarão às 10h30; os que forem de tarde, às 15h30. No que respeita a substituições, serão permitidas cinco.

4.º — Não é permitido jogar com chuteiras pitons de alumínio.

6.º — A Casa organizadora decidiu que os jogos só se podem realizar ao sábado; no que respeita a trocas, deverão ser comunicadas com 15 dias de antecedência.

7.º — Todo o jogador que for penalizado com um cartão vermelho receberá o castigo de não jogar um jogo. O que acumular três cartões amarelos receberá o mesmo castigo.

8.º — A Casa visitada fica obrigada a fornecer a refeição do meio-dia, e a respectiva merenda final.

9.º — No que respeita à pontuação: a vitória, vale 3 pontos; o empate, 2 pontos; a derrota, 1 ponto.

10.º / 5.º — Os prémios serão entregues da seguinte maneira: A equipa mais disciplinada; melhor marcador; lembrança de participação do Torneio Inter-Casas.

Nós, Casa organizadora, ouvindo os nossos Padres, entendemos ser a forma mais justa da atribuição de prémios.

Aqui fica transcrito o regulamento para conhecimento de todos os gaiatos e leitores.

Continuamos a solicitar aos nossos Leitores a doação de material desportivo, tal como: luvas de guarda-redes, equipamentos, fatos de treino, chuteiras, etc. Se houver dúvidas, tanto no regulamento, como na doação, é favor contactar o responsável do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, José António R. Silva («Chola»), através do número 917492299. Desde já, agradecemos a todos.

Adriano

Santo Antão do Tojal

NATAL — Falta cerca de 20 e poucos dias para esta grande celebração (o nascimento do Menino Jesus). A «Sic Natal» convidou os nossos rapazes para participar na gravação (filmagens) do programa de Natal. Gratos ficamos por se terem lembrado de nós.

CAMPO — Sem dúvida que os nossos terrenos estão verdes! Sim, agora temos pasto para as nossas ovelhas. A chuva tem estado a regar os campos com regularidade. Contudo, parece-nos que vamos ter uma estação de Inverno recheado de chuva e boas colheitas.

O cantinho

Não estou bem aqui
Quero liberdade
Voar pelo mundo
Quero a minha riqueza
Não quero saber do meu irmão
Eu sou eu e nada mais importa
Na catequese do além
Quero estar...
Hoje voltou
Sobre a maré com a cabeça
Virada para baixo
Que destino te levou?
Ninguém escapa ao medo da
[intimidade...]

Abílio Pequeno

Utopia

Continuação da página 1

O matrimónio é instituição olhada com muita seriedade e tratada com austeridade. «De vez em quando acontece que marido e mulher não conseguem adaptar-se por incompatibilidade de temperamentos e ambos encontram outras pessoas com quem esperam viver em paz e felicidade. Para obterem o consentimento mútuo para se separar e voltar a casar, só com a concordância do Senado, depois dos seus membros juntamente com os esposos terem longamente examinado e ponderado o caso». De resto, todo o adultério cometido por mera leviandade é gravosamente punido, porque o princípio é este: «O matrimónio só é dissolvido pela morte». (Porque fiel e firme nesta doutrina, morreu Tomás More, às mãos do rei que em toda a sua vida serviu — o rei e o Reino.)

Este capítulo, a que demos o número 5, termina por «diversos outros assuntos» que são, verdadeiramente, de extraordinária relevância: Os utopianos «possuem apenas um número muito restrito de leis, pois para um povo tão instruído e com tais instituições, poucas leis são necessárias».

Ó sabedoria e fonte de tranquilidade

quando o fundamento das leis é a consciência dos homens onde elas estão inscritas e da qual brotam! Nesta pedagogia encontramos em pleno Pai Américo e a sua forte componente anárca, tão bem entendida por aquele pedagogo suíço que, depois de uma visita à Casa do Gaiato, com olhos de ver e sensibilidade apurada, a definiu: uma «desorganização organizada» — e «assim é que está certo».

E a descrição continua: «É difícil observar estes princípios em países com um número interminável de leis intrincadas e equívocas. Na Utopia, todos são hábeis advogados, pois é pequeno o número de leis e a sua interpretação mais simples e vulgar é considerada a mais razoável e justa. Todas estas leis são promulgadas com o único intento de que cada homem fique convenientemente informado dos seus direitos e deveres».

(...) «Os povos vizinhos que vivem em liberdade, vão pedir à Utopia magistrados por um ano ou mesmo por cinco anos, (...) sabendo que a salvação ou a desgraça do Bem Comum depende dos costumes e da vida dos governantes e magistrados». (...) «Os defeitos da cobiça e afectos pessoais quando influem nos juízos,

lesam imediatamente a Justiça que é o mais firme e seguro esteio de um Estado».

Nas relações externas, os princípios de acção dos utopianos são igualmente simples e naturais: «Consideram aliados os povos que lhes vêm pedir chefes e tomam como amigos os que lhes devem benefícios».

«Tratados... — para que servem? Como se a natureza não tivesse ligado o homem ao homem com amor bastante...!» Pois «aqueles que assim desprezam a natureza, terão alguns escrúpulos em violar as palavras?» Por isso que, lá da sua lonjura, os utopianos viram ou souberam dos «costumes dos príncipes que tão deslealmente (in)cumprem as convenções, recusam todos os tratados; e pensam que embora eles fossem escrupulosamente cumpridos, o próprio hábito dos tratados está errado na sua origem».

Para eles o princípio certo de toda a relação humana nasce da consciência do homem, seja de que latitude ou longitude for. «Pensam que a comunhão na mesma natureza é um laço muito forte; e que os homens estarão unidos uns aos outros de modo mais seguro e justo pelo amor fraterno do que por meras palavras em parágrafos de um tratado».

Ora «eis!» — concluiria Pai Américo.

Padre Carlos

Cartas

«O dinheiro não paga favores e nem sequer com esta importância eu poderia pagar grande favor. Portanto, ficaria sempre endividado se, com esta importância, pretendesse saldar quão grande dívida tenho convosco pelos benefícios que a leitura d'O GAIATO me concede.

Por tudo isto, simplesmente vos peço que aceiteis este meu minúsculo reconhecimento.

Assinante 25782».

«É sempre com surpresa, curiosidade e certa alegria que recebo O GAIATO.

Dizer-vos que o leio, releio e dou a ler, é já meu hábito.

Comungo inteiramente dos vossos problemas, das vossas apreensões e anseios, acerca dos queridos rapazes.

Graças a Deus, e peço ao bom Pai Américo que lá do Céu vele por vós, pela Obra, que a verdade, o bem e a Justiça campeiem no meio deste mundo tão imundo e fracassado de valores e ideais. O Bom vencerá! A Graça de Deus vos ajuda.

Bom, estou aqui para, numas outras férias, partilhar convosco do meu subsídio de férias que o Senhor tão Bom e Generoso me oferece, pensando no que vós tendes de repartir nessa Casa de tantos filhos.

Assinante 21374».

«Que a paz e amor de Cristo nos una no Seu Amor.

Envio esta pequena participação para a Obra, do meu tempo de férias, pois não posso nos outros meses, a pensar é pequena e a idade vai pesando e, com ela, a conta com despesas de saúde, mas dou graças a Deus pelo pouco que tenho e por me ter dado sabedoria para ir gerindo, pois eu julgo que o grande mal dos nossos dias é a falta de organização nas famílias que se reflecte nos filhos que vivem uma loucura desmedida de consumo.

Vivo num bairro social com muitos problemas, mas a maior parte das vezes são causados pelas próprias pessoas, mas isto já vós conheceis muito melhor do que eu e, infelizmente, não vejo grandes melhoras.

Gente sem juízo houve e haverá, mas parece que alongam a toda a sociedade e ninguém está bem com o que tem, embora, tantas vezes, o que tem, já é mais do que o necessário.

Desculpem este desabafo convosco, pois precisais é de quem vos ajude, mas a partilha também se faz das preocupações. Confiemos em Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo,

Quanto às famílias a que neste momento prestamos assistência, aguardam com ansiedade a nossa visita, contam sempre com ajuda que lhes levamos, mas o mais importante é a amizade que já nos une, depois de tantos anos integradas na nossa Conferência; somos tratados como família, sentimos esse calor e é reconfortante sentirmos essa amizade.

Não quero terminar sem apelar aos nossos Amigos: continuem a ajudar-nos, porque só com a vossa ajuda conseguiremos dar-lhes um pouco mais de conforto.

O QUE RECEBEMOS — Amiga M.M., dois vales; Maria Almeida, 100 euros; assinante 7769, 10 euros e roupas; Alice Vieira, 100 euros; Amiga, de Fiães, a sua habitual oferta; assinante 22890, o seu donativo; Amigo, Barreiro, sr. Virgílio, 25 euros; Amigo Manuel Pinheiro, 20 euros mais roupas.

Queremos agradecer, em nome dos nossos irmãos, eles sabem que só com a vossa oferta os podemos ajudar; por isso, continuamos a contar convosco.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O ano está a terminar. Fazendo o balanço até esta data, pouco ou nada mudou, os Pobres continuam mais pobres e os ricos mais ricos.

O custo de vida aumentou, os Pobres continuam a aguardar que um dia as coisas melhorem, com tantas promessas; só que os anos vão passando e muitos morrem, sem nunca terem sido cumpridas.

Uma das nossas pobres está com problemas de saúde. Sempre sonhou ter casa, só que já lá vão tantos anos, e o sonho não se concretiza. Tentámos confortá-la, só que ela tem muita dificuldade de andar, uma vez que vive numa zona íngreme, e sempre que tem de sair de casa é com grande dificuldade que o faz, uma vez que as suas forças são poucas.

Mas quantos não vivem nas mesmas condições e sempre levaram uma vida de sacrifícios, privados de conforto, e, no fim da vida, sentem-se desamparados porque não têm saúde para caminhar e abandonados pelos seus e pela sociedade.

DOCTRINA



Quando as obras sociais entram no sangue do povo tornam-se males difíceis de curar

EM Paço de Sousa há, como se sabe, uma Instituição rodeada de mais ridente paisagem, num lugar de paz virgiliana, onde rapazinhos de hoje se preparam para a vida de amanhã. Um Padre dedica-se à tarefa que se impôs: a educação dos Gaiatos, fornecendo-lhes as armas com que triunfarão na luta pela existência. Não conhecemos Obra mais bela, nem mais perfeitamente construtiva.

TIRAR o rapazinho da rua, fazer-lhe esquecer vícios contrários, insuflar-lhe hábitos de trabalho, de método, de higiene, ensiná-lo a amar os outros e amar-se a si próprio, eis os principais escopos dessa generosa Obra que é mister auxiliar para que ela tenha a continuidade necessária. O Comércio pode e deve ajudar.

LIBERTAR um rapazinho da miséria é arrancar ao monstro da ruína social uma futura vítima. E prepará-lo para os combates a que a evolução humana compele é a mais alta forma de filantropia que pode exercer-se.

COLOCAR os pupilos do Padre Américo nos vários ramos de actividade comercial patenteia; oferecer à Casa do Gaiato os géneros e artigos de que ela necessita, tais como subsistências, roupas, calçado, utensílios, livros onde possam instruir-se e educar-se, são modalidades de bem-fazer. Gustavo Le Bon, o grande e saudosos filósofo francês, disse que a Educação é quase o único factor da evolução social de que o Homem dispõe.

MAS, para que a educação se faça, tornam-se indispensáveis os recursos materiais; e estes recursos, o Comércio, em nosso entender, possui-os de sobra e compete-lhe doá-los à linda Obra que em Paço de Sousa, no meio dum entusiasmo fervoroso, se desenvolve de dia para dia.»

P. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

que escreve direito por linhas tortas.

Assinante 10440».

«Junto um cheque para ajudar a vossa Obra a suportar as despesas com os vossos rapazes e torná-los homens com H grande e capazes de mais tarde ajudarem outros.

Peço a Deus que vos ajude a levar a Cruz e as injustiças, pois Ele nunca falta a quem quer o bem dos outros.

Assinante 4328».

«Venho contribuir para as vossas muitas ajudas aos mais pobres.

É uma renúncia de Verão, pois há tanta gente sem férias, sem emprego, e eu, graças a Deus, tenho subsídio de férias.

Obrigado pelas palavras do vosso Jornal, mantém-me sempre 'alerta' para os problemas dos meus irmãos e a não me esquecer de Deus! Pois o mundo está cheio de ruído, o que faz esquecer que sou cristão! Deus vos abençoe.

Assinante 56094».

«Agradeço a fineza de não publicarem e lamento não

poder ser mais elevado o contributo para a gigantesca Obra que, com rara dedicação e empenhamento total, levam a efeito, quer em Portugal, quer em Benguela, Malanje e em Moçambique. Mandarão, se entenderem e quando tiverem oportunidade, o recibo para IRS.

Uma palavra de muito apreço pelo que fazem pelos mais carecidos e a minha solidariedade para as contrariedades de que foram alvo, sendo certo que sofreram mas ficaram limpos. Não metem a candeia debaixo do alqueire. Têm as portas abertas e o coração puro, ao contrário daqueles que, em vão, tentaram macular-vos. O Povo sabe aonde está e quem pratica as Obras de Deus. Fá-las às claras. Isto é tão baixo, tão baixo, que causa náuseas. Que o Deus da Verdade vos ilumine e ajude na caminhada, começada há décadas, e que não acabará só porque os homens são injustos e egoístas. E aí estão para suprir, com todo o carinho e angústias, o mau-estar causado pelos egoístas.

Assinante 50343»

Setúbal

Locais perigosos

HÁ alguns meses atrás, pediram-nos para recebermos um pequeno que vivia num dos bairros de lata dos arredores de Lisboa. Como é costume, fomos onde vivia para o conhecermos.

Já lá perto, entrámos num café para obtermos informação precisa da localização do bairro. Depois da informação, veio também o aviso para não entrarmos nele, pois nos arriscaríamos a ficar sem nada do que levávamos.

O aviso caiu em saco roto. Entrámos e percorremos o bairro em busca do pequeno por quem nos chamaram lá.

Vem-me à memória este acontecimento, pelas muitas palavras que me chegam aos ouvidos acerca dos tumultos que actualmente vivem em França. Os arredores da Capital, tornaram-se um local perigoso.

Sabemos que locais perigosos sempre existiram, desde que se conhece o homem vivendo em sociedade.

Jesus contou-nos também uma parábola onde, num local perigoso, um homem foi roubado e maltratado por salteadores. Um outro homem que por ali passava, que não se amedrontava com esses locais, cuidou da vítima e providenciou pela cura das suas feridas.

Também Jesus aceitou entrar em locais perigosos, a começar por este mundo onde incarnou. Fez-Se igual aos homens, para lhes dar a conhecer os perigos, pela Palavra e pelo exemplo, para os salvar e libertar deles.

Fazendo hoje como Ele, os Seus discípulos não deixam de entrar nos locais perigosos; alguns fizeram mesmo desses locais a sua habitação, tal como o Verbo que habitou em nós.

Temos à porta o Tempo do Advento. Mais uma vez lembraremos que Jesus nos vem apontar a Verdade do que somos e aquilo que somos chamados a ser. Entre uma e outra coisa a responsabilidade de trabalhar pelo remédio que cura as feridas do homem e liberta a humanidade de todos os perigos.

Padre Júlio



Praia da Arrábida — Setúbal.

PENSAMENTO

Quem sofreu, tem de amar ou odiar. O único caminho é amar. O ódio queima; o ódio não tranquiliza; o ódio é o Inferno na Terra.

PAI AMÉRICO

Tribuna de Coimbra

Gestos simples e gratificados

HOJE vamos ao livro do «deve-haver», agora, informatizado. Há quanto tempo esta coluna tem andado arredada desta «tribuna»! É certo que os seus movimentos, obedecendo ao clima de contenção que se tem vindo a generalizar, têm sido bastante mais contraídos. Somos em crer, contudo, no nosso caso, que isso não significará esquecimento ou menos apreço pelo nosso trabalho. Também procuramos afastar do nosso horizonte o «fantasma» de que a sociedade, porventura, esteja a tornar-se mais egoísta, menos solidária, descuidando o seu empenhamento e compromisso social. Há grupos, certamente, que assim pensam e pautam seu comportamento: vivem sem se incomodar com o seu semelhante. Mas a maior parte vive preocupada e perplexa com a sorte de «indigência», a vários níveis — não só o económico — que afecta muitos dos seus concidadãos. Gloriamos-nos de pertencer a este grupo. Recebemos e partilhámos. As nossas Casas, em Portugal e também as de África, são um digno testemunho. Realmente o dom da partilha está inscrito no coração humano. Exercitá-lo é condição de bem-estar e de felicidade pessoal e colectiva. Quando assim não acontece, os sinais de degradação são inevitáveis e demolidores. Exemplos não faltam, infelizmente, para o comprovar.

Ora, gestos simples e gratificados são esses que não fazem notícia, a maior parte das vezes. Nós somos por eles e andamos por

causa deles. A Paróquia de Pampilhosa da Serra, em meses de Verão, com a desgraça dos incêndios à porta de casa, num desses Domingos, vieram ter connosco. Celebrámos o Dia do Senhor. O prior presidiu à Eucaristia e, com as gentes das suas aldeias, crianças, jovens, velhos e novos — era um grande grupo — convidou todos à partilha do pão e da confiança, também ela pão de sustento no Caminho da vida. Seguiu-se uma visita à Casa, como é costume, com a partilha do almoço e de outros bens materiais que, dados em tempo de dificuldades e penúria, Deus olha com especial ternura. 228 euros, foi quanto somou o ofertório da Missa.

Muitas outras presenças individuais e de grupo. De Castelo Branco, para além do que já aqui noticiámos, deixou 1.365 euros. Acrescente-se os cheques de Maria Fernanda, Imelda, Conceição Morgado, Maria Rosário Cristóvão, Manuel Alberto e Maria de Jesus. De Aldeia Velha — Sabugal, o cheque do costume e que palavras de grande conforto...! Não somos dignos! Agora, António Benina, da Figueira da Foz. Maria da Conceição, do Porto, Senhora da Hora. José Luís, de Oeiras. A constante de Maria Adelaide, de Soure. É a partilha de sua reforma, sempre com oportunas reformas das «chorudas» que alguns auferem com evidente desigualdade de cidadania. Em Casa, de Julho a Outubro, entregue em mão, somou 1.365 euros. No Lar de Coimbra, muito pouco! Somou

Praticando o Bem

Continuação da página 1

compreendido, amar que ser amado» como o outro louco do Amor. Então, mete dentro de si toda a alma dos Tuaregues. A sua história. Os seus hábitos e tradições. O seu modo de viver. Faz-se irmão.

Recordo de novo os Padres da Obra da Rua que acolhem o rapaz sem grandes preocupações de o modernizar, mas com paciência lhe abrem as portas da Casa do Gaiato e lhe oferecem um ambien-

te franco, aberto e seguro onde a fraternidade vai evoluindo num crescendo natural nunca imposto.

Tive a graça de contactar, de perto, alguns irmãos que o seguiram na vida com a mesma preocupação: manifestar Jesus sem o pregar. Vivê-IO, na convicção profunda de que, assim, o rosto de Deus se tornaria visível na sua face!

A pobreza, a humildade, a bondade e a paz interior, vividas sem disfarce, serão suficientes para que Deus se revele e os homens acreditem.

Conheci um irmão que vivia nas prisões. Em regra, seis meses seguidos fazendo a mesma vida

250 euros neste igual período. Claro, acrescente-se as assinaturas de Isabel Iria, e os pagamentos por ordem do Tribunal Judicial de Coimbra — alívio de muitos e consolação nossa! Na festa de Lobazes, 173,30, para a Casa do Gaiato. Na Missa do encontro anual dos antigos gaiatos, 64 euros, mais 350 de assinaturas. Ao Património dos Pobres — uma conta, ultimamente, deficitária — 300 euros. Assinaturas de Cafede — Paróquia da minha juventude sacerdotal — 250 euros. Adelino Barata, Coimbra, o cheque repetido com delicadeza impressionante... De Pedrógão Grande, o costume de Maria Batista. Da doutora Maria Manuel de Almeirim, os 125 euros. Dina, de Leiria, 250 euros. Marília Isabel, da Póvoa de Varzim, o cheque do costume, que fica no segredo de Deus, mas que na Glória todos saberão... Adelino, de Condeixa, 30 euros. José Carmona, de Cebolais de Cima, sempre presente, de coração e mãos! José Lucena, de Aveiro, os 500 registados e com recibo para o IRS. Maria Ramiro, de Abrantes, pelos seus entes queridos e empregados falecidos ao longo dos anos. Comunhão dos Santos! Para finalizar: 5.000 em memória de alguém que viveu e morreu com o Padre Américo no coração. Tudo somado dá para pagar as dívidas sem mexer na «reserva». Vivemos à sombra da Providência divina e isso é algo que não sabemos explicar, mas fugimos da insensatez que tanto afecta os nossos dias.

Deus recompense e encha de seus bens terrenos e celestes quem parte e reparte pelos Seus filhos mais predilectos: os Pobres.

Padre João

dos presos e sujeitando-se a todas as imposições e restringimentos dados aos reclusos. Conheço, ainda, um outro, relojoeiro, que colaborou dezenas de anos, a fio, na Casa do Gaiato ensinando francês e continua a visitar assiduamente os presos em duas cadeias.

Nos bairros mais miseráveis, lá estão as Irmãzinhas de Jesus com a porta sempre aberta, em casas limpas mas iguais às dos bairros de lata e o Seu Senhor Eucarístico num cantinho da mesma morada.

O Padre Carlos de Foucauld recebeu a sublime graça de ser assassinado no seu posto e de dar assim, de forma repentina, a vida, como corolário de toda a sua existência cristã!...

Prémio que Deus concede aos seus mais íntimos!...

Padre Acílio

Malanje

Dia-a-dia

UM rapaz já jovem teve que sair da nossa Casa por roubar tudo e todos. A Polícia entregou-o à família, mas esta não o quis. Que não, não podiam suportar.

Habilidosamente, já o tinham encaminhado para a nossa Casa — quando ele era pequeno, por esse mesmo motivo — servindo-se duma Irmã da cidade que tantas vezes se deixam enganar.

Depois deste, foram mais três. Ficámos com pena e dor.

Não pudemos suportar mais a sua fuga às aulas e horas de comunhão.

Trocaram a nossa família, a escola, o alimento e o vestir pela rua e pelo roubo.

Fazer de cada rapaz um homem! Nem sempre é fácil e surgem muitos tropeços no caminho...

Muitas vezes a rua alicia porque não há família...

Há casas com mãe e filhos e o marido vem de quando em quando porque tem duas ou três ou quatro casas e mulheres. Os filhos não contam...

Se a droga e os vícios arrancam de famílias boas e organizadas, tantos jovens, quanto mais, quando indefesos.

AINDA cozinhamos a lenha numa cozinha igual à das sanzalas e talvez um pouco mais suja.

Há dois anos que estamos pedindo a um técnico para nos montar o gás e nada...

O chefe veio ter comigo. Que as refeições atrasavam por causa da lenha verde. Era necessário trazer do Lombe uma carrada seca. Eu, que sim, mas tinham que ir com o motorista. Este não pôde e, com certo receio, mandei com o tractor um nosso rapaz e um grupo. Na vinda capotaram e fizeram dois tractores. Ficámos felizes por não se terem ferido. Saltaram a tempo.

Agora, peço-te, por favor, que tires uma migalhinha à sobremesa dos Domingos e mandes ao Padre Acílio (Casa do Gaiato de Paço de Sousa).

ENCONTREI o Nando na rua a deitar sangue pela boca. Ele já saiu da nossa Casa há muito tempo. «Que não precisava, que se virava». Virou para a tuberculose. Foi para o hospital e foi-nos entregue, de novo, já livre de perigo.

O Nando é uma rapaz difícil.

Não tem ninguém.

Tem agora as vaquinhas para guardar, comida e uma Casa. Vamos a ver se a sua cabeça fica no lugar e o velho ford não sai da estrada.

Padre Telmo